

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

MUITAS
VOZES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

REITOR	Carlos Luciano Sant'ana Vargas
VICE-REITORA	Gisele Alves de Sá Quimelli
PRÓ-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO	Osnara Maria Mongruel Gomes
COORDENADORA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM, IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE	Ione da Silva Jovino
EDITOR GERAL	Pascoalina Bailon de Oliveira Saleh
EDITOR DA SEÇÃO DOSSIÊ	Cloris Porto Torquato e Keli Pacheco
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO	Marco Wrobel
CRIAÇÃO DE CAPA	Dyego Chrystenson Marçal

CONSELHO EDITORIAL

Benito Martinez Rodriguez - UFPR
Claudia Mendes Campos - UFPR
Desirée Motta-Roth - UFSM
Dina Maria Machado Andréa Martins Ferreira - UECE
Julio Pimentel Pinto - USP
Kanavillil Rajagopalan - UNICAMP
Maria Ceres Pereira - UFGD
Naira de Almeida Nascimento - UTFPR
Orlando Grosseguesse - Universidade do Minho
Regina Dalcastané - UNB
Rosana Gonçalves - Unicentro
Rosane Rocha Pessoa - UFG
Waldir do Nascimento Flores - UFRGS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

REVISTA DO PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LINGUAGEM,
IDENTIDADE
E SUBJETIVIDADE

MUITAS VOZES



Editora
UEPG

Muitas Vozes / Programa de Pós-Graduação em Linguagem, Identidade
Subjetividade da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Editora UEPG.
Vol. 1, n.1 (jan–jun. 2012). Ponta Grossa, 2012-
Semestral.

Vol. 5, n.1 (jan–jun. 2016)

ISSN 2238-717X (Versão impressa)
ISSN 2238-7196 (Versão online)

1- Linguagem. 2- Identidade. 3- Subjetividade.

Os textos publicados na revista são de inteira responsabilidade de seus autores.

Tiragem: 500 exemplares

INFORMAÇÕES / DISTRIBUIÇÃO / PERMUTAS

Muitas Vozes

Universidade Estadual de Ponta Grossa
Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade
Praça Santos Andrade n.1
Sala 115 – Bloco B
84.030-900 Ponta Grossa - PR

Endereço eletrônico: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/muitasvozes>

E-mail: revistamuitasvozes@gmail.com

Permutas - E-mail: intercambio@uepg.br

VENDAS

Editora e Livrarias UEPG

Fone/fax: (42) 3220-3306

Email: editora@uepg.br

<http://www.uepg.br/editora>

Pede-se permuta

Exchanged Requested

2016

SUMÁRIO

SUMMARY

Apresentação	7
---------------------------	---

Dossiê: Interculturalidades

Ensinar “cultura” em sala de aula de LE – novos paradigmas <i>made in Germany</i> <i>How to teach “culture” in FL-classes – new paradigms made in Germany</i> Paul voerkel	15
---	----

Portais educacionais de língua inglesa: uma alternativa no ensino de leitura a partir da perspectiva intercultural <i>English educational portals: an alternative in reading teaching through an intercultural perspective</i> Flávia Medianeira de Oliveira	33
---	----

Interculturalidade e crenças sobre o ensino-aprendizagem de língua japonesa: a língua-cultura como causa <i>Interculturality and beliefs on japanese teaching-learning: the language-culture as a sake</i> Renan Kenji Sales Hayashi	61
---	----

O canibalismo na América retratado pelos olhos do europeu <i>Cannibalism in the American Continent portrayed by the eyes of the european</i> Bernardo Antonio Gasparotto; Gilmei Francisco Fleck	83
---	----

O misticismo cosmogônico dos Desana: evidências culturais por meio da literatura indígena <i>The cosmogonic mysticism of Desana: cultural evidences through indigenous literature</i> Natasha Lopes de Sousa	99
---	----

Resistência e mobilidade no ser americano em três romances das américas <i>Resistance and mobility in the american being in three novels of the americas</i> Yuly Paola Martínez Sánchez	109
---	-----

Artigos

Entre jornais: Machado de Assis em <i>Crônicas de quinze dias</i> e <i>Helena</i> em folhetim <i>Between newspapers: Machado de Assis in Chronic of fifteen days and Helena in feuilleton</i> Raquel Cristina Ribeiro Pedroso	131
--	-----

O medo e a maioria silenciosa, uma proposta de estudo da solidão contemporânea no filme Medianeras <i>Fear and the silent majority, a study proposal of contemporary solitude on the movie Medianeras</i> Rhuan Felipe Scomaço Da Silva	149
--	-----

Documento

Políticas afirmativas para populações indígenas no Paraná: da promulgação da Lei Estadual 13.134/2001 à proposta de elaboração de um curso de licenciatura e/ou pedagogia intercultural Letícia Fraga; Ismara Eliane Vidal de Souza Tasso; Isabel Cristina Rodrigues; Wagner Roberto do Amaral; Maria Simone Jacomini Novak	167
---	-----

Resenhas

ECO, Umberto. Número Zero. Trad. Ivone Benedetti. São Paulo: Record, 2015. 208p. A mentira das verdades: número zero, de Umberto Eco Wellington Fioruci	185
GÓES DOS ANJOS, Krishnamurti. O Touro do Rebanho. Lisboa: Chiado Editora, 2013. 316p. Eunice de Moraes	193
Normas para Colaboradores	197

Apresentação

Nesta edição da Revista Muitas Vozes, na seção Dossiê, convidamos a comunidade acadêmica a refletir sobre linguagem e literatura e ensino de língua e de literatura a partir da perspectiva da interculturalidade, concebida, entre tantos posicionamentos teórico-metodológicos, como o diálogo entre sujeitos situados em lugares sociais, históricos e culturais distintos (JANZEN, 2005). Dessa perspectiva, fundamentada na obra do Círculo de Bakhtin, o diálogo intercultural pode se efetivar entre sujeitos posicionados tanto no interior de um mesmo contexto nacional, mas não necessariamente nas mesmas práticas culturais, quanto em contextos nacionais distintos. Alguns dos textos aqui publicados, não adotando exatamente essa visão de interculturalidade, abordam distintas possibilidades de diálogos interculturais. Era nossa proposta conhecer e dialogar (não necessariamente de modo harmônico) com uma diversidade de perspectivas sobre interculturalidade que orientam pesquisas e práticas pedagógicas nos estudos de língua/linguagem e de literatura. Sendo assim, para a seção Dossiê, esperávamos contribuições que mobilizassem, para além de diferentes concepções/perspectivas de interculturalidade, diferentes contextos nos quais podem se constituir relações/diálogos/conflitos interculturais. Nosso convite estava inicialmente orientado para os contextos da globalização, de mobilidades dos sujeitos, do ensino de línguas adicionais ou o ensino de literatura nas escolas, das relações nas literaturas. De alguma forma, essa orientação inicial se confirmou mas também se ampliou.

Esse dossiê se caracteriza ele próprio, portanto, como uma proposta de diálogo acadêmico e intercultural: distintos modos de pensar língua/linguagem e literatura, mobilizando diferentes (e às vezes conflitantes) referenciais teóricos, para refletir sobre produções/práticas culturais diversas, como as teorias e o ensino de línguas estrangeiras, literatura indígena, literatura europeia, literatura latino-americana.

Nesse sentido, o dossiê reúne textos que nos permitem colocar em relações dialógicas reflexões de sujeitos situados em lugares culturais e teóricos distintos. Em relação aos estudos de língua/linguagem, a leitura do dossiê possibilita uma entrada pelas discussões teóricas que embasam o ensino de “cultura” e os desafios postos pela interculturalidade no ensino de Alemão como Língua Estrangeira, pelas visões de aprendizes de japonês numa universidade brasileira e pelas propostas de comunicação intercultural no ensino de língua inglesa em portais educacionais. Em relação aos estudos literários, o dossiê nos conduz pela cosmogonia indígena desana, por textos que revelam os olhares dos colonizadores europeus portugueses e espanhóis sobre os indígenas latino-americanos e por reflexões sobre americanidade a partir de obras escritas por escritores de três diferentes países latino-americanos.

Os textos que tratam de diálogos interculturais no campo dos estudos de língua/linguagem nos convidam a refletir sobre como a interculturalidade

tem sido concebida e como ser apreendida nas práticas. No primeiro artigo do dossiê, *Ensinar “cultura” em sala de aula de LE – Novos paradigmas made in Germany*, Paul Voerkel recupera o percurso da entrada e do desenvolvimento do “ensino de cultura”, *Landeskunde*, nas aulas de língua estrangeira na Alemanha. Apresenta as principais abordagens da “cultura” tanto no ensino de outras línguas estrangeiras no país quanto no ensino de Alemão como Língua Estrangeira (ALE) fora e dentro da Alemanha. O autor toma o cuidado de assinalar que não é fácil delimitar fronteiras fechadas para cada uma dessas abordagens. Nessa mirada do percurso da *Landeskunde*, o autor discute os limites, contribuições e desafios da abordagem intercultural na disciplina de ALE. Voerkel assinala que é preciso repensar o conceito de cultura (muitas vezes ainda vista de modo homogêneo, monolítico e estático, com tendências para visões estereotipadas do outro) se a proposta do ensino de cultura é ultrapassar a dicotomia nós vs. eles e promover efetivos diálogos interculturais. O autor apresenta novos componentes teóricos e práticos que podem reconfigurar o ensino de cultura no ensino de alemão como língua estrangeira. Como possibilidades para repensar o ensino de alemão, conclui seu texto apontando os entrecruzamentos possíveis entre *ALE made in Germany* e *ALE made in Brazil*. Assinala, ainda, a necessidade de pesquisas que focalizem as práticas docentes e a necessidade de revisão dos materiais didáticos. Nesse sentido, o próprio texto se configura como diálogo intercultural e abre perspectivas para novas, e necessárias, pesquisas. Apesar de focalizar o contexto de Alemão como Língua Estrangeira, esse texto nos instiga a pensar especialmente o tratamento teórico dispensado à cultura e à interculturalidade no ensino de línguas adicionais/estrangeiras.

O texto seguinte no dossiê poderia ser lido como uma resposta a uma das demandas apresentadas por Voerkel: estudar os materiais didáticos e as práticas que estes propiciam no ensino da cultura e da interculturalidade. Flávia Medina de Oliveira, no artigo *Portais educacionais de língua inglesa: uma alternativa no ensino de leitura a partir da perspectiva intercultural*, analisa atividades de leitura em portais educacionais com vistas a compreender se e em que medida as tarefas de leitura propostas possibilitam o diálogo intercultural e poderiam indicar filiação das propostas a uma perspectiva de comunicação intercultural. Seu foco, portanto, é o material didático como propulsor e mediador do diálogo intercultural. A autora conclui que a seleção de algumas temáticas e de alguns tipos de tarefas de leitura pode propiciar ou dificultar que os alunos desenvolvam competência comunicativa intercultural e, portanto, construam diálogos interculturais na língua-cultura alvo. Oliveira assinala a necessidade de o ensino de inglês se orientar para aspectos sociais e culturais, uma vez que língua e cultura são relacionados e mutuamente se constituem, sem, contudo, descuidar do ensino (da estrutura) da língua. Se no texto de Voerkel dialogamos com visões alemãs para o ensino de língua estrangeira, no texto de Oliveira nosso diálogo é com autores de língua inglesa. Considerando que esta tem sido

vista como a língua da globalização, o texto auxilia a compreensão do que se propõe como competência comunicativa intercultural no ensino e uso dessa língua-cultura.

Passamos da teoria à análise de materiais didáticos e, para fechar o conjunto de textos dos estudos de língua/linguagem, chegamos às vozes de estudantes de licenciatura de língua japonesa. Kenji Hayashi, no artigo *Interculturalidade e crenças sobre o ensino-aprendizagem de língua japonesa: a língua-cultura como causa*, partindo do pressuposto de que língua e cultura são indissociáveis, compreende a interculturalidade como “o contato entre diversas línguas-culturas”. Seu estudo busca compreender, nas/pelas vozes de desses estudantes, como as relações interculturais desses sujeitos constituem sua aprendizagem de japonês no Brasil. Entre esses estudantes, descendentes e não descendentes de japoneses, parece prevalecer uma concepção de língua como estrutura quando eles se referem aos modos de estudar/aprender a língua japonesa, uma vez que focam nas estruturas, na repetição destas para fixação na memória. Por outro lado, suas vozes afirmam que o interesse pelo curso de licenciatura está fortemente vinculado à inserção nas práticas culturais contemporâneas japonesas, com destaque para *mangas*, *animes*, música pop (*J-pop*) e pelo cinema japonês. Mais do que a tradição, pela qual é conhecida parte da cultura japonesa no Brasil, são as novas práticas e relações interculturais que mobilizam esses estudantes para estudar japonês na universidade. A leitura do texto de Hayashi permite que se reflita sobre o que mobiliza os alunos nas licenciaturas em Letras e, sobretudo, sobre os diálogos interculturais de que eles participam dentro, fora e a despeito dessa formação na graduação. Nesse sentido, no diálogo que propomos prover a partir desse dossiê, uma resposta possível a seu texto é a produção de pesquisas atentas aos possíveis e conflituosos diálogos entre as práticas culturais dos estudantes e as propostas dos Projetos Políticos Pedagógicos dos cursos da área.

Nos textos relacionados ao estudo da literatura percebemos uma preocupação em revelar o jogo intercultural presente em vozes narrativas historicamente silenciadas e que, felizmente, tem proliferado na literatura mais recente. Mesmo quando os estudos aqui apresentados voltaram-se ao passado, presenciamos um exercício de audição dos restos, das marcas da ausência do outro, ocultado tantas vezes por circunstâncias históricas que invalidaram o diálogo intercultural. Como exemplo, Bernardo Antonio Gasparotto e Gilmei Francisco Fleck, no artigo *O canibalismo na América retratado pelos olhos do europeu*, abordam o período da descoberta da América, explorando alguns cronistas como Américo Vespúcio, Hernán Cortés, Bernal Díaz del Castillo, Hans Staden e Gabriel Soares de Sousa, que descreveram em palavras e imagens uma interpretação, bastante própria, do contato com a diferença cultural dos autóctones que praticavam o rito antropofágico, reduzido nestas representações a práticas canibais.

Por outro lado, Natasha Lopes de Sousa, em *O misticismo cosmogônico dos Desana: evidências culturais por meio da literatura indígena*, procura ler como os mitos indígenas abordam as questões metafísicas da criação do universo, da humanidade e seus desenvolvimentos, para tal decide debruçar-se no estudo da obra de Luiz Lana, indígena da etnia Desana, chamada *Antes o mundo não existia*, percebendo na cosmogonia indígena um sentido que expande a própria noção de literatura moderna, pois tal mito, para além do registro, compõe um rito de cura, em muitas tribos, de purificação de uma enfermidade, detectando, de certa forma, a presença de uma espécie de efeito catártico gerado pela literatura indígena em dado contexto e, assim, aproximando-nos geograficamente, ou antropofagicamente, à Grécia evocada pelo estudo aristotélico do teatro trágico primitivo.

Encerrando os artigos de estudos literários e o dossiê, Yuly Paola Martínez Sánchez, em *Resistência e mobilidade no ser americano em três romances das Américas*, elabora uma aproximação crítica de três obras recentes de autoria de Maryse Condé, escritora antilhana; Roberto Burgos Cantor, colombiano; e da chilena Isabel Allende, são elas respectivamente: *Eu, Tituba, feitiçeira...negra de Salem* (1997); *La ceiva de la memoria* (2007) e *La islã bajo el mar* (2009). Desde a perspectiva da americanidade, a articulista detecta algumas constantes que a permitem argumentar que a resistência e a mobilidade são traços definidores da identidade americana. Em tal exercício, Sánchez não encontra uma fixidez identitária, mas percebe a identidade como experimentação ficcional, movente, em constante diálogo intercultural entre os seres, os tempos e os espaços.

Os textos que compõem esse dossiê, ao ampliarem nossa proposta inicial, nos provocaram e nos levam a provocar nossos leitores: como seria pensar referenciais teóricos de cultura e de interculturalidade a partir de vozes latino-americanas, teorias *made in* Brasil, Argentina, México, Colômbia, Chile, produzidas por acadêmicas/os e não acadêmicas/os? Que reflexões poderíamos promover em relação a esses referenciais teóricos, à literatura e ao ensino de línguas a partir de modos de pensar, por exemplo, indígenas e afro-descendentes? Fica aqui o convite à produção de respostas a esses artigos aqui publicados, respostas que partam de outros olhares, de modo a promover diálogos/deslocamentos interculturais também no fazer acadêmico.

A seção reservada aos Artigos de tema livre abriga dois artigos, o primeiro voltado ao texto literário e o segundo ao fílmico. Em *Entre jornais: Machado de Assis em crônicas de Quinze Dias e Helena em folhetim*, Raquel Cristina Ribeiro Pedroso (Unesp) aborda a publicação do terceiro romance de Machado de Assis no folhetim de *O Globo* em 1876, e a veiculação de crônicas na *Ilustração Brasileira* (1876-1877), escritas por Machado ao sabor das circunstâncias e ao “calor da hora”. Trata-se de um estudo panorâmico sobre o modo folhetinesco de publicação em série e a relevância do suporte jornalístico para a configuração da república das letras brasileiras.

Em *O medo e a maioria silenciosa, uma proposta de estudo da solidão contemporânea no filme Medianeras*, Rhuan Felipe Scomação da Silva (UEPG) articula as propostas de percepção do homem e do meio urbano contemporâneo por Baudrillard, e da modernidade, medo e amor líquido por Bauman, em uma relação diádica com o filme *Medianeras*, do diretor argentino Gustavo Taretto.

Na sequência, o leitor encontrará o documento *Políticas afirmativas para populações indígenas no Paraná: da promulgação da lei estadual 13.134/2001 à proposta de elaboração de um curso de licenciatura e/ou pedagogia intercultural*, cujo objetivo é descrever por que e de que forma representantes de quatro universidades públicas do Estado do Paraná – Letícia Fraga (UEPG), Ismara Eliane Vidal de Souza Tasso (UEM), Isabel Cristina Rodrigues (UEM), Wagner Roberto do Amaral (UEL), Maria Simone Jacomini Novak (UNESPAR) – pretendem elaborar um projeto de Curso de Licenciatura e/ou de Pedagogia Intercultural para o estado, em formato de rede entre as IES participantes.

Em sua última seção, este número traz duas resenhas. Na primeira, Eunice de Moraes (UEPG) nos apresenta o romance *O Touro do Rebanho*, de Krishnamurti Góes dos Anjos, publicado pela Chiado Editora; na segunda, Wellington Fioruci (UTFPR – Pato Branco) resenha o último romance de Humberto Eco, morto em 2016, *Número Zero*, traduzido por Ivone Benedetti e publicado pela Record.

Boa Leitura!

Cloris Porto Torquato, Keli Pacheco, Pascoalina Bailon de Oliveria Saleh